

**Gilberto Velho
em
perspectiva: a
atuação do
antropólogo à
luz do projeto
“Memória das
Ciências
Sociais no
Brasil”**

**Anna Beatriz
Oliveira Menezes
Costa¹**

¹ Mestranda em Antropologia pelo Museu Nacional (PPGAS/MN/UFRJ) e Bolsista CAPES. E-mail: annaboliveira99@gmail.com



**Gilberto Velho in
perspective:
the
anthropologist's
performance in
the light of the
"Memory of
Social Sciences
in Brazil" project**

Resumo

O presente trabalho tem como enfoque a trajetória e o impacto de Gilberto Velho nas Ciências Sociais brasileiras, tendo como escopo as entrevistas do projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”. Utilizando a análise de dezesseis depoimentos dessa iniciativa como metodologia, procuro demonstrar de que maneira a atuação de Velho perpassa por diferentes percursos pessoais e acadêmicos e repercute na consolidação das Ciências Sociais, sobretudo da Antropologia, como uma área de destaque no Brasil. O pioneirismo da Antropologia Urbana, as relações de orientação, os papéis institucionais e a influência na formação de gerações de pesquisadores são os elementos principais da minha linha de argumentação.

Palavras-chave: Gilberto Velho; Antropologia; História Oral; CPDOC.

Abstract

The present work focuses on the trajectory and impact of Gilberto Velho in Brazilian Social Sciences, having as scope the interviews of the project “Memory of Social Sciences in Brazil”. Using the analysis of sixteen testimonies from this initiative as a methodology, I seek to demonstrate how Velho's work goes through different personal and academic paths and affects the consolidation of Social Sciences, especially Anthropology, as a prominent area in Brazil. The pioneerism of Urban Anthropology, the orientation relations, the institutional roles and the influence on the formation of generations of researchers are the main elements of my argument.

Keywords: Gilberto Velho; Anthropology; Oral History; CPDOC.

Introdução

Em 2008, o projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil” foi iniciado com o objetivo de compor e de disponibilizar, para consulta pública na *internet*, um acervo audiovisual de entrevistas de cientistas sociais brasileiros (CASTRO, 2019, p. 2). Vinculado à Escola de Ciências Sociais e ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getulio Vargas (FGV CPDOC), o projeto é coordenado pelo Prof. Dr. Celso Castro e resultou na composição do maior acervo histórico vigente sobre as Ciências Sociais no Brasil (*ibidem*, p. 1). Para tanto, a História Oral², especificamente as entrevistas de história de vida, foi adotada como metodologia e a divulgação do material resultante, composto pelos vídeos dos depoimentos e as suas transcrições, ocorre em vias institucionais – portal da FGV CPDOC³ e canal da Fundação Getulio Vargas (FGV) no *YouTube*⁴. Em andamento, o projeto possui mais de duzentas horas de gravação e ultrapassa a marca de cem entrevistas, tendo uma natureza documental desde a sua criação (*ibidem*, p. 2).

Dentre os entrevistados do projeto, se encontram figuras emblemáticas na consolidação científica e no desenvolvimento institucional de diferentes campos das Ciências Sociais brasileiras. Uma dessas personalidades é Gilberto Cardoso Alves Velho. Nascido em 1945, filho de Octávio Alves Velho e Dulce Cardoso Alves Velho, Gilberto Velho fez graduação em Ciências Sociais (1968) pela Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi), mestrado em Antropologia Social (1970) pelo Museu Nacional (MN/UFRJ) e doutorado em Ciências Humanas (1975) pela Universidade de São Paulo (USP). Membro de uma série de instituições de natureza diversa (científicas, universitárias e culturais, por exemplo), Velho foi um antropólogo de referência no Brasil e no exterior e é considerado um dos grandes nomes da Antropologia Urbana brasileira. O seu falecimento, em 2012, causou um forte impacto no cenário intelectual do país, repercutindo até os dias atuais. Em 2020, iniciei a minha atuação como bolsista de iniciação científica (PIBIC/CNPq) no projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”, orientada pelo Prof. Dr. Celso Castro, e percebi, com o desenvolvimento

² De acordo com a historiadora Verena Alberti (2000, p. 1): “A história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea [...]. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com atores e testemunhas do passado”.

³ Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/brasil>.

⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLspVbtJ_9_HpWe_3zUZEJCffzyJjhG65Z.

das minhas atividades, que Gilberto Velho foi mencionado em diversos depoimentos do projeto, sobretudo de antropólogos, além de sua própria entrevista.

Desse modo, no presente artigo, o meu objeto de pesquisa é a análise da trajetória e do impacto de Gilberto Velho nas Ciências Sociais brasileiras, tendo como escopo as entrevistas do projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”. Com o intuito geral de investigar a atuação do antropólogo, tenho três objetivos específicos: (1) apresentar de que maneira Velho é introduzido e é mencionado nas entrevistas; (2) indicar os efeitos do seu trabalho através dos seus orientandos, dos seus alunos e dos seus colegas de área; e, por fim, (3) apontar como a dimensão pessoal e institucional da sua vida é exposta nos relatos do projeto.

Diante disso, a minha metodologia consiste em quatro etapas: (1) a consulta às transcrições das entrevistas do projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”, disponíveis na aba “Entrevistas no Brasil” na seção correspondente ao projeto no portal da FGV CPDOC⁵; (2) a busca de duas categorias, sendo elas “Gilberto” e “Velho”, nessas transcrições, visando verificar a menção a Gilberto Velho no material; (3) a seleção de dezesseis depoimentos, utilizando como critérios a aparição de pelo menos uma das duas categorias referentes ao antropólogo e o potencial de enquadramento das informações encontradas em torno dos três eixos temáticos que guiam este trabalho (a graduação, a pós-graduação e o papel docente/institucional desempenhado por Gilberto Velho); e (4) a análise do conteúdo das transcrições escolhidas, observando o momento e a forma pela qual Gilberto Velho é citado pelos entrevistados. Estes são: Ana Luíza Carvalho da Rocha, Aspásia Camargo, Cornélia Eckert⁶, Gilberto Velho, Glaucia Villas Bôas, Jane Russo, Lilia Schwarcz, Luiz Mott, Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, Mariza Peirano, Miriam Grossi, Mirian Goldenberg, Moacir Palmeira, Peter Fry, Ruben Oliven e Yvonne Maggie.

Nas próximas seções, abordarei a trajetória de Gilberto Velho a partir dos três temas apontados na metodologia: a graduação, a pós-graduação e o papel docente/institucional. Contudo, considero importante destacar que, ao utilizar as entrevistas de história de vida como fontes de pesquisa, não pretendo tratar o percurso de Velho como um caminho linear, uma vez que isso recairia em uma ilusão biográfica (BOURDIEU, 2006). Assim, articulo os dezesseis depoimentos seguindo certa ordem

⁵ Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/brasil>.

⁶ Ana Luíza Carvalho da Rocha e Cornélia Eckert deram os seus depoimentos em conjunto.

cronológica para fins didáticos, mas boa parte dos acontecimentos aqui mencionados, como as orientações e a atuação institucional, se mesclaram e aconteceram paralelamente. Por fim, antes de seguir para o cerne do artigo, destaco que a reflexão apresentada se refere a uma contribuição inédita sobre o assunto.

A graduação: a vivência na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi)

Em 1965, Gilberto Velho iniciou a graduação em Ciências Sociais na então Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi), instituição que originou o atual Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS/UFRJ). Em uma entrevista publicada na revista *Estudos Históricos* (2001), Velho destaca que o seu interesse pelas Ciências Sociais começou por influência da sua família, especialmente do seu pai, Octávio Alves Velho, e do seu avô materno, Maurício José Cardoso, ambos militares (CASTRO; OLIVEIRA; FERREIRA, 2001, p. 183). Na FNFfi, sua passagem como graduando foi marcada pela conjuntura do regime militar e os seus desdobramentos no ambiente universitário: “Nós chegamos num momento muito ruim, muito difícil, em que a faculdade tinha perdido alguns dos seus melhores professores. Encontramos o curso de Ciências Sociais, particularmente, muito desorganizado, fragmentado” (*ibidem*, p. 186). Em seu memorial, o antropólogo detalha um pouco mais dessa vivência:

Entrei na faculdade num período tumultuado depois do afastamento de vários professores e do fechamento do Diretório Acadêmico, após o golpe de 1964. Em 1968, quando estava no último ano, outros docentes foram cassados, por ocasião do Ato Institucional n. 5. Portanto, foi uma época agitada, tensa, mas também de grande atividade política e intelectual. (VELHO, 2012a, p. 180)

Além da realidade repressiva, o curso de Ciências Sociais introduziu figuras importantes na trajetória de Gilberto Velho. Dentre elas, se encontram Yvonne Maggie, Gláucia Villas Bôas e Mariza Peirano. Em uma homenagem póstuma a Velho para a Academia Brasileira de Ciências, Peirano relata: “Conheci Gilberto Velho há 45 anos, na Faculdade Nacional de Filosofia, a FNFfi. Aos 24 anos, ele já era a figura imponente que manteve durante sua vida” (PEIRANO, 2012a, p. 1). Em seu depoimento para o projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”, ela descreve alguns de seus colegas de turma e cita a presença de Velho:

Entre os colegas, a Rose Goldsmith... [...] A Gláucia Villas Bôas, a Tereza Jorge, o Lúcio Castelo Branco. Era o grupo mais próximo. Me lembro, já nessa época, do Gilberto, mas o Gilberto e a Yvonne eram

de uma turma mais adiantada. E aí tem um dado interessante: o Gilberto é mais moço que eu... era [mais moço], mas, ao mesmo tempo, era mais adiantado do que eu, porque eu tinha passado os três anos na arquitetura. (PEIRANO, 2012b, p. 15)

Mencionada no depoimento de Mariza Peirano, a socióloga Gláucia Villas Bôas também indica a presença de Gilberto Velho nas suas lembranças da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi). Em sua entrevista para o projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”, Bôas destaca que Gilberto Velho pertencia a uma turma anterior à sua e que esta era “mais combativa” à época (BÔAS, 2009, p. 16). Nas suas palavras: “A turma de 65, eu me lembro que era considerada uma turma muito promissora: era a turma da Yvonne Maggie, era a turma do Gilberto Velho, da [Eliana Cardoso] [Manuel Sanches], enfim, vários que ficaram dentro das ciências sociais” (*ibidem*).

Por sua vez, em seu depoimento para o projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”, Yvonne Maggie aponta os impactos do pós-1964 na sua experiência universitária e, assim como Gilberto Velho em outros escritos, indica a cassação de professores e o clima conflituoso como elementos presentes na graduação. As greves são um exemplo desse contexto: em sua entrevista, Maggie destaca a realização de duas greves por motivos distintos; uma, referente ao quantitativo de alunos da sua turma (RIBEIRO, 2009, p. 15), e outra, em relação a um atrito da sua classe com uma docente de Sociologia (*ibidem*, p. 14). Esta segunda, no que lhe toca, foi a responsável por aproximá-la de Velho, cuja postura embasava o movimento. Nas suas palavras:

O Gilberto Velho foi um principal pivô porque ele falou “como que se pode...” – eu me lembro que era alguma coisa de marxismo – “como que se pode falar de sociologia sem falar de marxismo?”. Então, tivemos uma briga, assim... E eu fui liderança dessa greve. E, muito engraçado, porque foi nessa greve que eu me aproximei do Gilberto Velho e a gente começou a namorar naquela época. (RIBEIRO, 2009, p. 14-15)

Conforme o trecho acima explicita, ainda na graduação, Gilberto Velho e Yvonne Maggie iniciaram uma relação afetiva. Em 1968, o casal concluiu o curso de Ciências Sociais e, no ano seguinte, ingressou na segunda turma de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (PPGAS/MN/UFRJ). No PPGAS, Velho inicia de fato o seu percurso na Antropologia Urbana e produz uma das obras mais importantes da sua carreira: a sua dissertação

de mestrado, intitulada *A utopia urbana: um estudo de ideologia e urbanização* (1970)⁷, orientado por Shelton H. Davis⁸.

A pós-graduação: o pioneirismo da Antropologia Urbana no Museu Nacional

“Era um ambiente estimulante e de intensa vida intelectual” (VELHO, 2012a p. 181). Essa frase, escrita em seu memorial, sintetiza a experiência de Gilberto Velho como aluno do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (PPGAS/MN/UFRJ). Ingressante em 1969, Velho terminou o mestrado no final de 1970, em uma temporada curta, porém, bastante significativa. Enquanto era mestrando, o antropólogo também atuava como docente na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atividade que foi descrita em seu depoimento para o projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”: “[...] na realidade, é importante lembrar que eu me tornei professor de universidade em 1969. Eu entrei para a UFRJ como professor em 1º de março de 1969. Portanto, eu tinha 23 para 24 anos” (VELHO, 2009, p. 21). Nesse sentido, os conhecimentos adquiridos no mestrado desempenharam um papel importante na sua formação e no seu exercício docente.

Por esse ângulo, a disciplina de Antropologia Urbana, ministrada por Anthony Leeds⁹, foi fundamental para a trajetória de Gilberto Velho. Isso se dá na medida em que, nesse curso, Velho, em coautoria com Yvonne Maggie, produziu o *Barata Ribeiro, 200* (1969), um trabalho cujo objeto de estudo era um prédio localizado no bairro de Copacabana, Rio de Janeiro. A conclusão desse texto traz reflexões interessantes sobre os dados obtidos com a pesquisa e aponta a perspectiva urbana que Velho e Maggie começavam a desenvolver. Este segundo ponto, em especial, se torna evidente em passagens como “Parece-nos que o Barata Ribeiro 200 é um caso limite de um tipo de situação muito encontrada na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro” (VELHO; MAGGIE, 2013, p. 29) e “Migrações, estratificação social, delinquência, discriminação, repressão são alguns dos temas que poderiam ser aprofundados partindo do 200” (*ibidem*, p. 30). O impacto da pesquisa para o *Barata Ribeiro, 200* (1969) é sintetizado pela antropóloga Julia O’Donnell no trecho abaixo:

⁷ Em 1973, essa obra foi publicada em formato de livro, em sua primeira edição, com o título *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*.

⁸ Shelton H. Davis (1942-2010) foi um antropólogo estadunidense, que foi pesquisador e professor visitante do Museu Nacional (VELHO, 2012a, p. 181).

⁹ Anthony Leeds (1925-1989) foi um antropólogo estadunidense. Durante a década de 1960, Leeds desenvolveu pesquisas urbanas na cidade do Rio de Janeiro e foi o primeiro docente da disciplina de Antropologia Urbana do Museu Nacional (VALLADARES; LACERDA; GIRÃO, 2018).

Apesar de feito a partir de uma amostra relativamente pequena (foram 29 entrevistados), o texto não se furta de apresentar dados detalhados da estrutura física e organizacional do edifício, bem como uma análise cuidadosa do perfil socioeconômico de seus moradores. Em 16 páginas, os jovens antropólogos apresentaram a Anthony Leeds uma verdadeira descrição densa do edifício que dava nome ao trabalho, partindo da premissa de que o objeto escolhido era capaz de revelar “alguns aspectos interessantes” da ideologia das camadas médias urbanas. (O’DONNELL, 2013, p. 38)

O trabalho do *Barata Ribeiro, 200* (1969) foi substancial para o desenvolvimento posterior de *A utopia urbana* (1970). Em sua entrevista para a revista *Estudos Históricos* (2001), Gilberto Velho, em referência à pesquisa para a disciplina de Anthony Leeds, ressalta: “Esse trabalho precipitou definitivamente a escolha do tema da minha dissertação de mestrado” (CASTRO; OLIVEIRA; FERREIRA, 2001, p. 192). Este ponto é reforçado ainda na argumentação da antropóloga Julia O’Donnell: “Ampliando o escopo da observação e das entrevistas para outros edifícios semelhantes em Copacabana, não demorou para que o trabalho ganhasse vulto e aporte analítico. Poucos meses depois, nascia *A utopia urbana*” (O’DONNELL, 2013, p. 38-39). Nesse sentido, é intrigante observar como um trabalho de final de disciplina – *Barata Ribeiro, 200* (1969) – lança as sementes para a feitura de uma dissertação de mestrado – *A utopia urbana* (1970) –, que se consolidou como uma produção de referência no campo da Antropologia Urbana brasileira. Em um pós-escrito presente na versão publicada do *Barata Ribeiro, 200* (2013), Yvonne Maggie aponta o seguinte:

Desorganizadamente organizadas, as aulas introduziram questões que foram como um mapa para as nossas pesquisas na cidade e para os futuros trabalhos do Gilberto. Tony¹⁰ insistia que fizéssemos pesquisa de campo e nos estimulava a pensar a cidade e, em especial, o Rio de Janeiro, a nossa cidade [...]. Foi nesse curso que Gilberto teve a ideia de pesquisar um prédio de conjugados e a visão de mundo das camadas médias em uma cidade brasileira. (MAGGIE, 2013, p. 33-34)

Por esse ângulo, o prefácio e a introdução à primeira edição do livro *A utopia urbana* (1989 [1973]) sinalizam dois pontos importantes: (1) o pioneirismo de Gilberto Velho e (2) o estágio inicial da Antropologia Urbana. Em relação ao primeiro ponto, Velho escreveu duas frases emblemáticas: “Pretendo, com este livro, dar início a uma série de trabalhos sobre o meio urbano, com uma abordagem antropológica” (VELHO,

¹⁰ Nessa citação, “Tony” é utilizado como apelido para “Anthony Leeds”.

1989 [1973], p. 1) e “A Antropologia, tradicionalmente, tem estudado os ‘outros’ e eu me propus estudar ‘nós’” (*ibidem*, p. 11). Por si só, estes trechos já indicam a intenção do antropólogo de produzir algo diferente daquilo que era comumente feito entre os trabalhos antropológicos do período. Por sua vez, o segundo ponto aparece de modo explícito no seguinte registro: “É evidente que outros autores já o fizeram, mas a Antropologia Urbana ainda engatinha e enfrenta sérios problemas de metodologia. Desta forma, entro num terreno bastante movediço” (*ibidem*). Com isso, se por um lado Velho inovava ao privilegiar uma abordagem antropológica aplicada aos estudos urbanos; por outro, tal perspectiva carecia de um aporte metodológico específico, mais apropriado. Para o projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”, Yvonne Maggie narra o momento em que Gilberto Velho teve a ideia que resultou em *A utopia urbana*:

[...] eu lembro muito bem do dia que ele teve o saque da *Utopia Urbana*, porque para a gente ter esse apartamento, o apartamento era alugado, quem morava lá era um tal de seu Américo. Seu Américo, a gente deu um dinheiro para ele sair do apartamento e ele foi morar no próprio prédio, e eu me lembro do Gilberto dizendo “mas Yvonne, por que é que esse homem gosta tanto daqui?”. Então, um dia ele foi, eu lembro disso, a gente saiu junto e deu de frente com o seu Américo, que era nosso vizinho de porta e aí ele falou, irritado daquele jeito do Gilberto: “mas seu Américo, o que é que o senhor vê de tão bom aqui nesse prédio?” e aí eu acho que ele falou essa frase “se tivesse cemitério eu queria ser enterrado aqui” ou uma frase dessas que ficou marcado. E o Gilberto disse “é isso, Yvonne, ele se sente maravilhoso aqui porque ele saiu...”, não, ele falou assim: “para quem saiu da Tijuca isso daqui é maravilhoso” ou “para quem saiu de não sei o quê, Grajaú, sei lá onde ele morava, morar em Copacabana era uma maravilha.” E tal. Então o Gilberto falou “é isso, Yvonne”, ele teve aquele “esblingue”, “é isso, Copacabana é símbolo de status e ascensão social e tal, tal, tal.”. Então eu acho que foi uma experiência para ele também, para o Gilberto, de uma certa aceitação do que é que era morar ali. (RIBEIRO, 2009, p. 54)

Além disso, em seu depoimento, Maggie destaca que os estudos urbanos “ganharam duplamente”: com Gilberto Velho redefinindo a Antropologia Urbana, existente nos moldes de Anthony Leeds, e com Roberto DaMatta mudando a percepção da Antropologia, trazendo um arcabouço teórico que poderia ser utilizado em diversos campos de estudo (RIBEIRO, 2009, p. 23).

Nesse sentido, o Museu Nacional despontou como um espaço pioneiro na produção da Antropologia Urbana. Tal marco, se deve, em parte, aos trabalhos de figuras como Gilberto Velho. Em relação a esse ponto, o antropólogo Ruben Oliven ressalta, em sua entrevista para o projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”,

que “[...] durante muito tempo os antropólogos consideravam que Antropologia [...] era estudar índios, talvez camponeses e, no máximo, estudos de comunidades. Era até aí que podia ir. E era considerada uma Ciência Social marginal, de segunda linha [...]” (OLIVEN, 2016, p. 16-17). Assim, a inserção dos estudos urbanos no meio antropológico modifica tal lógica e, nesse cenário, quatro intelectuais são tidos como os precursores da Antropologia Urbana no Brasil: Gilberto Velho e Roberto DaMatta, no Rio de Janeiro, e José Guilherme Magnani e Ruben Oliven, em São Paulo (MONNERAT; VIEIRA, 2019, p. 18). Voltando ao depoimento de Oliven para o projeto, tal quadro é localizado no eixo das décadas de 1960 e de 1970. Nas suas palavras:

Bom, isso começa a mudar em um certo momento no Brasil, que é final da década de 60 e começo da década de 70, com várias coisas, de alguma maneira, o Museu Nacional foi precursor, não é? O DaMatta ter estudado índios, começar a estudar rituais em contextos urbanos, os trabalhos do Gilberto Velho e outros que seguiram. No começo, isso, claro, era olhado com uma certa desconfiança por outros antropólogos e os cientistas sociais meio que olhavam com certo desprezo [...]. (OLIVEN, 2016, p. 17)

Inclusive, a noção de que Gilberto Velho foi “pioneiro”, “precursor”, “fundador”, dentre outras denominações similares, do campo da Antropologia Urbana brasileira é frequente e compartilhada por diferentes trabalhos que o mencionam, incluindo parte das entrevistas do projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”. Além do trecho supracitado de Ruben Oliven, essa perspectiva também aparece no depoimento dado em conjunto pelas antropólogas Ana Luíza Carvalho da Rocha e Cornélia Eckert: “Tanto que quando a gente entrevista a Teresa Caldeira, ela disse assim: ‘[...] Não encontra uma pesquisa de antropologia urbana como a que nós encontramos aqui no Brasil, onde os fundadores são Gilberto Velho, a Ruth Cardoso, a Eunice, enfim.” (ROCHA, 2015, p. 75-76). Tal protagonismo foi detalhado ainda pelos antropólogos Celso Castro e Julia O’Donnell em um texto de homenagem póstuma a Velho:

Gilberto foi o fundador da Antropologia Urbana no Brasil, com sua pioneira dissertação de mestrado de 1970, *A utopia urbana*, publicada em livro em 1973. Ali, em meio a um contexto intelectual amplamente dominado por uma Antropologia dedicada ao estudo das sociedades indígenas, Gilberto ousou lançar seu olhar à temática do cotidiano e dos estilos de vida em uma grande metrópole [...]. Mais que um trabalho pioneiro, nascia ali uma sólida e frutífera tradição de estudos que faziam da cidade e das camadas médias urbanas objeto de conhecimento. (CASTRO; O’DONNELL, 2012, p. 5-6)

Mas e o doutorado? Com a conclusão do mestrado, Gilberto Velho realizou o seu doutoramento em Ciências Humanas na Universidade de São Paulo (USP), orientado por Ruth Cardoso¹¹. Com a tese de doutorado, intitulada *Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia* (1975)¹², Velho adota como enfoque o uso de drogas por dois grupos de classe média da Zona Sul do Rio de Janeiro e a perspectiva do desvio associada a tal prática. No prefácio do livro *Nobres e anjos* (1998), o antropólogo sinaliza a base de sua argumentação e afirma: “A questão do uso de drogas, tão atual, é aqui tratada como parte de um estilo de vida e visão de mundo, num esforço de não reificá-la, procurando compreendê-la num contexto sociocultural” (VELHO, 1998, p. 8). Diferentemente da experiência que teve com *A utopia urbana* (1970), com *Nobres e anjos* (1975), Velho já tinha certa notoriedade, conforme explicita em sua entrevista para o projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”: “[...] já com 30 anos, quando eu me tornei doutor e defendi a tese na USP, *Nobres e anjos*, sob a orientação de Ruth Cardoso, aí então eu já era uma personalidade mais ou menos pública e conhecida. E escrevia... Dava entrevistas e escrevia artigos” (VELHO, 2009, p. 22).

Todavia, o contexto de produção de *Nobres e anjos* (1975), associado ao objeto de pesquisa, fez com que o conteúdo da tese se tornasse bastante sensível. A análise acerca do consumo de drogas em estratos médios urbanos, em meio ao regime militar, representava um perigo em potencial tanto para Gilberto Velho quanto para os seus interlocutores. No prefácio do livro *Nobres e anjos* (1998), Velho justifica a publicação tardia da obra, feita vinte e três anos após a conclusão do doutorado: “[...] essa iniciativa poderia colocar em risco não só a privacidade, como mesmo a segurança dos grupos investigados, além do próprio autor. Vivíamos um período de arbítrio e repressão, em pleno regime militar, difícil de avaliar hoje em dia” (VELHO, 1998, p. 7). A tese *Nobres e anjos* (1975) foi defendida na Universidade de São Paulo (USP) mediante uma banca composta por Ruth Cardoso (orientadora de Velho), Juarez Brandão Lopes, Eunice Durham, Mario Bick e Peter Fry (*ibidem*). Este destacou tal momento em sua entrevista para o projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”: “Gilberto era aluno da Ruth. Tanto é que eu estive na defesa da tese de doutorado dele, como estive na da Ruth, da própria Ruth também” (FRY, 2008, p. 18).

¹¹ Ruth Cardoso (1930-2008) foi uma antropóloga brasileira. Atuou como primeira-dama do Brasil durante o mandato presidencial (1995-2003) de seu marido, Fernando Henrique Cardoso.

¹² Em 1998, essa obra foi publicada em formato de livro, em sua primeira edição, com o mesmo título.

A marca de Velho em *Nobres e Anjos*, portanto, não está em ser necessariamente o “primeiro” a descortinar a vida urbana por meio de um olhar antropológico, mas sim na consolidação de um arcabouço teórico diferenciado, articulado com inquietações metodológicas, que lhe garantiu um modo de “observar o familiar” e formular objetos próprios de pesquisa. (BISPO; ZAMPIROLI, 2020, p. 8)

Conforme o trecho acima aponta, Gilberto Velho consolidou um “arcabouço teórico diferenciado” em *Nobres e anjos* (1975), que, ainda de acordo com Raphael Bispo e Oswaldo Zampiroli (*ibidem*), era marcado pelo uso de linhas específicas da Escola de Chicago¹³, sobretudo o interacionismo simbólico. Para além de *Nobres e anjos* (1975), tal inovação teórica aparece um pouco antes, em *A utopia urbana* (1970): com um olhar atento para as citações, a bibliografia e as notas de rodapé, o leitor encontra nomes como o do sociólogo Erving Goffman. A influência deste e outros autores se intensificou após a temporada que Gilberto Velho passou na Universidade do Texas (Austin, Estados Unidos), em 1971, entre a conclusão do mestrado e o início do doutorado. Subsidiado pela Fundação Ford, Velho realizou seis cursos no departamento de Antropologia dessa universidade, dentre eles, a disciplina “Etnografia dos hospitais psiquiátricos e prisões”, ministrada por Ira Buchler, que foi destacada por ele como “absolutamente importante” e “difícilmente faria algo parecido no Brasil” (CASTRO; OLIVEIRA; FERREIRA, 2001, p. 194). A partir desse curso, Velho aprofundou os seus conhecimentos na teoria de Goffman e foi apresentado à perspectiva de Howard S. Becker (*ibidem*). O antropólogo descreve um pouco dessa experiência em sua entrevista para o projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”:

[...] eu fui para a Universidade do Texas, em Austin, que era onde, provavelmente... certamente, na época, tinha a maior concentração de estudos de antropologia urbana e de antropologia das cidades complexas. Eu tinha sido aluno já, aqui no Rio, do Anthony Leeds e do Richard Adams. E lá, descobri pessoas que foram mais interessantes ainda, como o Ira Buchler, que foi a pessoa que me introduziu a obra do Howard Becker. Eu já conhecia o Goffman, mas aprendi mais sobre o Goffman, bem mais, e conheci a obra do Howard Becker [...]. (VELHO, 2009, p. 35)

Concluída a abordagem sobre a experiência do mestrado e do doutorado, considero importante destacar a atuação docente e institucional de Gilberto Velho. Em

¹³ Para mais informações sobre a Escola de Chicago da Sociologia, recomendo a leitura da conferência *A escola de Chicago*, ministrada por Howard S. Becker em 1990. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/mana/v2n2/v2n2a08.pdf>.

vida, Velho exerceu mais de cem orientações¹⁴, sendo estas de natureza diversa (mestrado, doutorado e pós-doutorado, por exemplo). Além dos seus orientandos, o antropólogo construiu uma verdadeira rede de indivíduos, conectando alunos, professores, demais intelectuais, entidades e áreas de conhecimento a partir da ciência e das suas interações. Tais pontos serão tratados na próxima seção.

A docência e o papel institucional: uma influência para gerações

A trajetória profissional de Gilberto Velho não deixa negar: o antropólogo desempenhou um papel institucional importantíssimo para as Ciências Sociais brasileiras e outras áreas de conhecimento. Em vida, Velho foi vinculado a várias entidades e, em algumas delas, ocupou cargos de alto escalão: foi presidente da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) entre 1982 e 1984; vice-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) entre 1991 e 1993; presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) entre 1994 e 1996; decano do Departamento de Antropologia do Museu Nacional (MN/UFRJ) de 1999 a 2012 (ano de seu falecimento); dentre outros (VELHO, 2012b). Além disso, foi professor visitante em uma série de universidades, por exemplo, a Universidade de Northwestern, Estados Unidos, em 1976 e em 1990. Essa atuação de Velho foi reconhecida por meio da atribuição de diversos prêmios e titulações, das quais destaco Comendador da Ordem Nacional do Mérito Científico (1995), Comendador da Ordem de Rio Branco (1999), Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico (2000), Membro Titular da Academia Brasileira de Ciências (2000) e Medalha Roquette-Pinto de Contribuição à Antropologia Brasileira (2003) (*ibidem*). A antropóloga Karina Kuschnir detalha um pouco mais desse quadro institucional:

Como intelectual público, Gilberto seguiu os ideais do jovem formando de 1964¹⁵: tinha um profundo compromisso com os problemas de seu tempo. Procurou dar sua contribuição tanto no plano das ideias e do ensino, como também por meio de uma intensa participação em associações científicas e em políticas públicas que afetaram profundamente as concepções de complexidade cultural no nosso país. (KUSCHNIR, 2012, p. 294)

¹⁴ Para mais detalhes dessa informação, sugiro uma consulta ao Currículo Lattes de Gilberto Velho. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2359744840519373>.

¹⁵ Referência ao discurso de Gilberto Velho como Orador da Turma em sua formatura no Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia (CAp/FNFi), ocorrida em 1964.

Essa dimensão institucional também aparece em alguns depoimentos do projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”. O antropólogo Ruben Oliven destaca que conheceu Gilberto Velho por intermédio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC): “O Gilberto eu acho que o conheci em uma SBPC, em 73 ou coisa assim. Eu acho que ele estava apresentando um trabalho de uma coisa que ele estava fazendo e eu conversei com ele. A gente, imediatamente, sintonizou” (OLIVEN, 2016, p. 17). Outra perspectiva é trazida pelo antropólogo Peter Fry e pela socióloga Aspásia Camargo, que, em suas entrevistas, ressaltam o papel de Velho como uma das figuras de contato e de interlocução no Museu Nacional (FRY, 2008, p. 18; CAMARGO, 2012, p. 32-33). Por sua vez, a antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti aponta que a sua aproximação com o Instituto Nacional do Folclore ocorreu através de Velho: “[...] aconteceu uma coisa maravilhosa também, que foi o seguinte. Gilberto, que sempre se preocupou muito comigo, estava abrindo uma rede de contatos lá com o Instituto Nacional do Folclore [...]. Ele me chamou” (CAVALCANTI, 2017, p. 21-22). Em outro trecho acerca do Instituto, onde ingressou em 1983 com um projeto de pesquisa sobre umbanda, Cavalcanti indica que Velho “sempre soube escolher pessoas” (*ibidem*, p. 28) e que, por meio dele, “as pessoas, realmente, ficavam em contato” (*ibidem*). Aqui, a ideia de uma rede formada por Gilberto Velho, interligando indivíduos e instituições, aparece com força.

Nas entrevistas do projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”, outro traço interessante da atuação de Gilberto Velho é o seu envolvimento com bancas, de diversos tipos. Esse quadro é exemplificado no depoimento do antropólogo Luiz Mott, que, ao tratar de um concurso para professor titular, menciona a presença de Velho e de outros intelectuais no processo de avaliação (MOTT, 2018, p. 45¹⁶). A antropóloga Miriam Grossi também aponta a participação de Velho em um concurso, dessa vez na Universidade de Brasília (UnB): “E quem estava na minha banca? Nosso querido, saudoso professor Gilberto Velho. Que, claro, conhecia, óbvio, só de livros e de ter visto em reuniões de ABA¹⁷. Mas, para mim, claro, era um autor importantíssimo” (GROSSI, 2014, p. 17-18). Em seguida, Grossi destaca o papel generoso do antropólogo: “Mas graças ao fato de o Gilberto ter estado nessa banca, isso também me abriu... Você conhece bem, conheceu bem o Gilberto, uma pessoa

¹⁶ A transcrição dessa entrevista não possui paginação, portanto, indico o número de página do PDF.

¹⁷ Referência à Associação Brasileira de Antropologia (ABA).

extremamente generosa...” (*ibidem*, p. 18) e “[...] aquela capacidade que o Gilberto sempre teve de produzir redes e colocar as pessoas em diálogo. Então, assim, eu sei que o Gilberto foi uma pessoa que falou muito de mim, em muitos lugares” (*ibidem*). Ainda na temática de bancas, a antropóloga Lilia Schwarcz destaca que a sua primeira participação em uma banca de doutorado foi com um orientando de Velho: o antropólogo Hermano Vianna (SCHWARCZ, 2019, p. 24).

Além disso, Gilberto Velho também desempenhou um papel importante na tradução e na publicação de uma série de livros das Ciências Sociais no Brasil. Isso ocorreu na medida em que o antropólogo tinha um relacionamento próximo a Jorge Zahar, grande nome da Editora Zahar, pioneira na editoração de obras de cientistas sociais. Essa dimensão, em especial, aparece com destaque em alguns depoimentos do projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”. Em sua entrevista, o antropólogo Moacir Palmeira ressalta tal aspecto: “Nós íamos realmente ao escritório do Jorge com bastante frequência. Mais ainda o Otávio¹⁸ e o Gilberto, que tinham um relacionamento para além dali, daquela situação de trabalho” (PALMEIRA, 2012, p. 40-41). Em adição a esse cenário, Gilberto Velho foi responsável pelo lançamento de diversos trabalhos produzidos pelos seus alunos e orientandos. Dentre eles, está o da antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti: “E aí, quando o curso acabou, o Gilberto propôs para a Zahar essa coleção *Perspectivas Antropológicas da Mulher* e nos convidou, a mim e a Bruna¹⁹ e a Malu²⁰, para dirigir” (CAVALCANTI, 2017, p. 28). A relação entre Velho e Zahar tem raízes familiares, conforme a antropóloga Yvonne Maggie aponta em sua entrevista para o projeto:

E o pai do Gilberto foi um grande tradutor e trabalhou muito com o Jorge Zahar e o Gilberto influenciou muito, eu acho, nessa virada da editora nos anos 70, porque ele já editava muita coisa de ciências sociais, mas ele era mais conservador, eu acho que ele editava aquelas coisas mais clássicas.
[...] o Gilberto Velho foi uma influência muito boa no sentido de dar coragem para ele publicar os jovens antropólogos e fazer coleções.
(RIBEIRO, 2009, p. 51)

Além de livros como *A utopia urbana* (1973), *Subjetividade e Sociedade* (1986) e *Nobres e anjos* (1998), uma obra importante da trajetória de Gilberto Velho, publicada pela Editora Zahar, é *Desvio e divergência* (1974). Esta constitui uma

¹⁸ Referência ao antropólogo Otávio Velho, irmão de Gilberto Velho.

¹⁹ Referência à antropóloga Bruna Franchetto.

²⁰ Referência à antropóloga Maria Luiza Heilborn.

coletânea de escritos cuja temática central é o desvio, sendo composta pelos trabalhos dos alunos que cursaram a disciplina de “Indivíduo e sociedade”, o segundo curso ministrado por Velho no Museu Nacional (CASTRO; OLIVEIRA; FERREIRA, 2001, p. 199). Em seu depoimento para o projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”, Velho menciona alguns trabalhos produzidos no contexto do livro, por exemplo, os de Carmen Dora Guimarães, de Rosine Perelberg, de Carlos Nelson Ferreira dos Santos e de Luiz Fernando Dias Duarte, e certos temas que surgiram do debate sobre desvio, como doença mental, transgressão, família e geração (VELHO, 2009, p. 26-27).

Em relação às orientações, Gilberto Velho inspirou as produções de diversos alunos e foi responsável pela formação de pesquisadores cuja multiplicidade de temas marcou a sua atuação docente. Nos depoimentos do projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”, essa dimensão aparece de modo evidente, posto que Velho orientou parte dos entrevistados. Dentre eles, está o antropólogo Hermano Vianna, que, ao tratar sobre o período de sua graduação, indica uma influência do seu futuro orientador: “Eu já tinha um plano, desde o início do curso de Ciências Sociais, que o que me interessava era antropologia, e antropologia urbana, porque eu via as coisas que o Gilberto fazia. Tinha um pouco esse rumo” (PAES VIANNA JUNIOR, 2019, p. 6-7). Ao ingressar na pós-graduação, Vianna consolidou o desejo de graduando, destacando a orientação de Velho, assim como a aprovação deste em relação a um trabalho de sua autoria sobre a indústria de discos e o rock brasileiro (*ibidem*, p. 8). Outra experiência de orientação contada para o projeto é a da antropóloga Ana Luíza Carvalho da Rocha, orientada por Velho em regime especial. Nesse período, Rocha ressalta que Velho a colocou “na rede”, isto é, em contato com diversos pesquisadores, a exemplo de Tânia Dauster, Tânia Salem e Maria Luiza Heilborn (ROCHA, 2015, p. 33).

Eu demorei um ano para entrar, porque eu fui conversar com o Gilberto, porque eu queria que ele fosse meu orientador, e ele disse que naquele ano ele não tinha vaga. Devia ser em 1984. Ele disse que não tinha vaga e que eu fizesse com o Luiz Fernando [Dias Duarte]. Eu me lembro de ele falar isso. “Não, mas tem aqui esse aluno brilhante. Você pode entrar e fazer com o Luiz Fernando.” Eu não conhecia o Luiz Fernando, eu falei assim: “Não, Gilberto, eu quero fazer com você”. Ganhei vários pontos, é claro. E aí esperei um ano, fazendo o meu projeto, para entrar no ano seguinte. (RUSSO, 2017, p. 14-15)

Outro exemplo de orientação, explicitado no trecho acima, é dado pela antropóloga Jane Russo ao projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”. A interdisciplinaridade entre Psicologia e Antropologia é um marco da trajetória de Russo, assim como do percurso de Velho. Este participou do I Simpósio Internacional de Psicanálise, Grupos e Instituições (1978), promovido pelo Instituto Brasileiro de Psicanálise, Psicologia Grupal e Institucional (IBRAPSI), e tinha o psicanalista Sérvulo Figueira como um importante interlocutor, publicando, inclusive, obras em coautoria²¹. Em seu depoimento ao projeto, Russo explicita a relação entre Velho e Figueira, ressaltando que lia as obras da vertente que ambos apresentavam, sobretudo as que se referiam ao interacionismo simbólico (RUSSO, 2017, p. 8). Adiante, Russo destaca o contato de Velho com o “universo psi”, realizando uma ponte entre este e as Ciências Sociais: “O Gilberto [...], ele fazia esse diálogo forte das ciências sociais com esse universo psi; depois o Luiz Fernando²² fez esse papel com muita... com uma presença muito forte” (*ibidem*, p. 23). Tal caráter interdisciplinar de Gilberto Velho também é destacado pelos antropólogos Hermano Vianna, Karina Kuschnir e Celso Castro, que foram seus orientandos: “A produção intelectual de Gilberto Velho deve muito à sua coragem de juntar, combinar, fazer dialogarem autores e ideias que estavam em mundos separados por fronteiras, a seu ver, desnecessariamente limitadoras” (VIANNA; KUSCHNIR; CASTRO, 2013, p. 15).

Por fim, gostaria de destacar o impacto de Gilberto Velho na trajetória da antropóloga Mirian Goldenberg. Apesar de não ter sido orientada formalmente por Velho, Goldenberg cursou várias disciplinas com o antropólogo e produziu trabalhos importantes sob a sua docência. Em pontos distintos da sua entrevista para o projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”, Goldenberg ressalta o livro *A outra: um estudo antropológico sobre a identidade da amante do homem casado* (1990), que nasceu como um trabalho de curso para Velho. A antropóloga destaca que, após a entrega, Velho estimulou a publicação do escrito em forma de livro e escreveu a apresentação da obra (GOLDENBERG, 2019, p. 18-19). Isso demonstra não só o contato de Velho com o universo editorial, mas também o incentivo que ele deu aos seus alunos em termos de produção acadêmica. Ao tratar sobre os trabalhos que mais a marcaram na Antropologia, Goldenberg afirma: “O Gilberto Velho, que foi muito

²¹ Um exemplo desse quadro é o livro *Família, Psicologia e Sociedade* (1981), coordenado por Gilberto Velho e Sérvulo Figueira.

²² Referência ao antropólogo Luiz Fernando Dias Duarte.

importante. A Antropologia que eu faço é Gilberto Velho [...]. Eu fiz vários cursos com o Gilberto também. Não só os que eu fiz inscrita, mas ouvinte, e li tudo do Gilberto” (*ibidem*, p. 29).

Considerações Finais

As entrevistas do projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil” analisadas no presente artigo revelam a trajetória e o impacto da atuação de Gilberto Velho nas Ciências Sociais brasileiras, sobretudo na Antropologia. Intelectual de referência, Velho inovou ao apostar nos estudos urbanos através de uma perspectiva antropológica, investindo em um conjunto de autores, de metodologias e de objetos de pesquisa até então pouco explorados pelos antropólogos. As nuances de sua trajetória aparecem não só na literatura produzida pelo autor, mas também nos trabalhos dos seus orientandos e dos seus alunos, nas medidas institucionais e nas narrativas posteriores daqueles que o conheceram.

Nesse sentido, cabe resgatar os três objetivos específicos destacados na introdução para sintetizar as informações apresentadas pelos entrevistados. Inicialmente, propus apresentar a maneira pela qual Gilberto Velho é introduzido e é abordado pelos interlocutores do projeto. A meu ver, considerando os dezesseis depoimentos, a tônica acadêmica prevalece nas menções ao antropólogo, ao menos nas primeiras vezes em que ele é citado nas entrevistas. Esse quadro se torna evidente por meio das alusões à formação universitária (como Yvonne Maggie, Glaucia Villas Bôas e Mariza Peirano, que ressaltam a experiência da graduação), à orientação (por exemplo, Ana Luíza Carvalho da Rocha, Hermano Vianna e Jane Russo, que foram orientados por Velho), à docência (a exemplo de Mirian Goldenberg e de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, que citam livros advindos dos cursos de Velho), à institucionalidade (como Aspásia Camargo e Peter Fry, que mencionam a posição de Velho como um contato no Museu Nacional), dentre outros elementos.

Em segundo lugar, busquei assinalar os efeitos do trabalho de Gilberto Velho por meio dos seus orientandos, alunos e colegas de área. Além da perspectiva de uma obra pioneira, destacada nos depoimentos de Ruben Oliven, de Ana Luíza Carvalho da Rocha e de Cornélia Eckert, há também um senso de inspiração entre aqueles que foram discentes do antropólogo: por exemplo, Hermano Vianna aponta uma influência de Velho desde a sua graduação, posto que, já nesse período, ele

acompanhava a Antropologia Urbana que Velho fazia. Em adição a esses dois elementos, um impacto muito importante da atuação de Gilberto Velho é a contribuição para o mercado editorial das Ciências Sociais. Esta ocorreu sobretudo pela relação que ele cultivou com Jorge Zahar, grande nome da Editora Zahar. Nesta, Velho foi responsável pela editoração de uma série de livros, especialmente em Sociologia e em Antropologia, incluindo traduções de escritos estrangeiros e publicações dos seus próprios orientandos e alunos. Tal cenário aparece de modo evidente nas falas de Moacir Palmeira, de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti e de Yvonne Maggie.

Por fim, através dos relatos dos entrevistados, se percebe que as esferas pessoal e institucional da trajetória de Gilberto Velho se cruzam. Além das interações entre intelectuais, discentes de um modo geral e orientandos, os bastidores das pesquisas e a constituição de relações também aparece como uma tônica das entrevistas do projeto. Nesse sentido, o depoimento de Yvonne Maggie é particularmente rico, sobretudo ao mostrar o início do seu relacionamento com Velho, o ingresso de ambos no mestrado e as tramas que levaram ao desenvolvimento de *A utopia urbana* (1970), dissertação de mestrado de Velho. Outro ponto notório dessa questão é certo tom de afeto e de nostalgia que aparece na maneira pela qual o antropólogo é descrito em determinadas passagens: “uma pessoa extremamente generosa” (GROSSI, 2014, p. 18) e que tinha a capacidade de “produzir redes e colocar as pessoas em diálogo” (*ibidem*).

Em seu relato para o projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”, Gilberto Velho sinaliza que a Antropologia da qual foi professor consiste na continuação das suas leituras de Montaigne, de Erasmo e de Cícero, de modo que ele seria herdeiro dessas figuras (VELHO, 2009, p. 25). Se Velho é herdeiro desses três autores, considero que os seus alunos, os seus orientandos, os seus colegas e aqueles que usufruíram e usufruem de sua obra são, em certa medida, herdeiros do seu legado e da sua vasta contribuição para a Antropologia Urbana brasileira.

Arquivo recebido em 09 de abril de 2021.

Aprovado para publicação em 10 de junho de 2021.

Referências

ALBERTI, Verena. *Indivíduo e biografia na história oral*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000, p. 1-5. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1525.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2021.

BISPO, Raphael; ZAMPIROLI, Oswaldo. “Nobres e anjos, 45 anos depois: Gilberto Velho e a antropologia de urbanas sensibilidades”. *Mana*, Vol. 26, N. 1, [S.l.], 2020, p. 1-30.

BÔAS, Gláucia Kruse Villas. Gláucia Kruse Villas Bôas (depoimento, 2009). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (3h 34min).

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CASTRO, Celso; O’DONNELL, Julia. “Gilberto Velho (1945-2012): In Memoriam”. *Estudos Históricos*, Vol. 2, N. 49, Rio de Janeiro, 2012, p. 5-7.

CASTRO, Celso; OLIVEIRA, Lucia Lippi; FERREIRA, Marieta de Moraes. “Entrevista com Gilberto Velho”. *Estudos Históricos*, Vol. 2, N. 28, Rio de Janeiro, 2001, p. 183-210.

CASTRO, Celso. “Trajetórias de cientistas sociais brasileiros: o projeto ‘Memória das Ciências Sociais no Brasil’”. In: 19º CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA. *Lista dos trabalhos do GT40 - Sociologia da Sociologia nos contextos global e nacional*. Florianópolis: 2019, p. 1-8. Disponível em: http://www.sbs2019.sbsociologia.com.br/atividade/view?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyl7czozNToiYToxOntzOjEyOiJJRF9BVEIWSURBREUiO3M6MjoiNDiO30iO3M6MT oiaCI7czozMjoiMTM4Y2YzMWU1NjJmNGIzN2M0ZTIkMWZIOWUwMzI1NDEiO30%3D&ID_ATIVIDADE=40. Acesso em: 15 mar. 2021.

CAMARGO, Aspásia Brasileiro Alcântara de. Aspásia Camargo IV (depoimento, 2012). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 37min).

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (depoimento, 2017). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 35min).

FRY, Peter Henry. Peter Henry Fry I (depoimento, 2008). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (4h 43min).

GOLDENBERG, Mirian. Mirian Goldenberg (depoimento, 2019). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 51min).

GROSSI, Miriam Pillar. Miriam Pillar Grossi (depoimento, 2014). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 45min).

KUSCHNIR, Karina. “Pela Liberdade Intelectual: Uma Homenagem a Gilberto Velho (1945-2012)”. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Vol. 55, N. 2, Rio de Janeiro, 2012, p. 291-299.

MAGGIE, Yvonne. "O Barata Ribeiro 200: um pós-escrito". In: VELHO, Gilberto; MAGGIE, Yvonne. "O Barata Ribeiro 200 com pós-escrito de Yvonne Maggie e comentários de Anthony Leeds". *Anuário Antropológico*, Vol. 38, N. 2, Brasília, 2013, p. 19-36.

MONNERAT, Sílvia; VIEIRA, Cleiton. "Contextos urbanos na perspectiva das Ciências Sociais". *Argumentos - Revista do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes*, Vol. 16, N. 1, [S.l.], 2019, p. 4-29.

MOTT, Luiz Alberto de Barros. Luiz Alberto de Barros Mott (depoimento, 2018). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 38min).

O'DONNELL, Julia. "Caminhos de uma antropologia urbana: trajetória e projeto nos primeiros escritos de Gilberto Velho". *Anuário Antropológico*, Vol. 38, N. 2, Brasília, 2013, p. 37-51.

OLIVEN, Ruben George. Ruben George Oliven (depoimento, 2016). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 40min).

VALLADARES, Licia do Prado; LACERDA, Aline Lopes de; GIRÃO, Ana Luce. Anthony Leeds: o esquecimento e a memória. *Sociologia & Antropologia*, Vol. 8, N. 3, Rio de Janeiro, 2018, p. 1027-1058.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Edição 5, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

VELHO, Gilberto. *Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquias*. Edição 1, Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1998.

VELHO, Gilberto Cardoso Alves. *Currículo do Sistema Currículo Lattes*. [S.l.], 05 jun. 2012b. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/2359744840519373>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

VELHO, Gilberto Cardoso Alves. Gilberto Velho IV (depoimento, 2009). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (4h 45min).

VELHO, Gilberto Cardoso Alves. "Memorial". In: DOCUMENTA. "Homenagem a Gilberto Velho". *Mana*, Vol. 18, N. 1, [S.l.], 2012a, p. 173-212.

VELHO, Gilberto; MAGGIE, Yvonne. "O Barata Ribeiro 200 com pós-escrito de Yvonne Maggie e comentários de Anthony Leeds". *Anuário Antropológico*, Vol. 38, N. 2, Brasília, 2013, p. 19-36.

VIANNA, Hermano; KUSCHNIR, Karina; CASTRO, Celso. "Apresentação". In: VELHO, Gilberto. *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 7-24.

PAES VIANNA JUNIOR, Hermano. Hermano Vianna (depoimento, 2019). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 53min).

PALMEIRA, Moacir Gracindo Soares. Moacir Gracindo Soares Palmeira (depoimento, 2009 / 2012). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (7h 15min).

PEIRANO, Mariza. "Gilberto: Academia Brasileira de Ciências, Homenagem a Gilberto Velho, 28 de agosto de 2012". [S.l.], 2012a, p. 1-7. In: PEIRANO, Mariza. Diversos. Disponível em: http://www.marizapeirano.com.br/diversos/gilberto_velho.pdf. Acesso em: 12 mar. 2021.

PEIRANO, Mariza Gomes e Souza. Mariza Gomes e Souza Peirano II (depoimento, 2012b). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (4h 11min).

RIBEIRO, Yvonne Maggie de Leers Costa. Yvonne Maggie de Leers Costa Ribeiro (depoimento, 2009). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (8h 42min).

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert (depoimento, 2015). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (3h 15min).

RUSSO, Jane Araújo. Jane Araújo Russo (depoimento, 2017). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 34min).

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. Lilia Schwarcz (depoimento, 2019). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 11min).